

A INFLUÊNCIA DA INDISCIPLINA NAS RELAÇÕES EDUCACIONAIS

RAFAELA CANEZ CAMARGO¹; **PATRÍCIA PEREIRA CAVA²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – rafaela.camargo.ufpel@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – patriciaperereiracava@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este resumo foi elaborado a partir do artigo produzido como trabalho final do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas. O estudo foi inspirado pelas experiências vividas no estágio docente realizado em segundo ano de uma escola da periferia de Pelotas, onde situações de indisciplina e violência foram vivenciadas cotidianamente, sendo assim um ambiente educativo distanciado do ideal para um bom desenvolvimento pedagógico.

Uma sala de aula disciplinada oferece ao professor e aos alunos muitas possibilidades de trabalho e relações de aprendizado. Mas é uma sala bagunçada, onde os alunos sentam-se de diversas maneiras para realizar as atividades, onde a professora precisa explicar quase individualmente a proposta do momento, pode proporcionar relações de aprendizado?

De acordo com Aquino (1996, p. 40) “A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual[...]”

Rego(1996) trata sobre disciplina e reflete sobre as várias visões que existem acerca deste conceito. Ela apresenta desde a disciplina associada a tirania, que está relacionada à uma prática autoritária que impede a espontaneidade de crianças e jovens, até a disciplina “como um conjunto de parâmetros [...], que devem ser obedecidos no contexto educativo, visando a uma convivência e produção escolar de melhor qualidade [...]” (REGO, 1996, p. 87).

Neste estudo levo em consideração está segunda visão, já que percebo, juntamente com a autora que

um aluno indisciplinado não é [...] aquele que questiona, pergunta, se inquieta e se movimenta em sala, mas [...] sim aquele que não tem limites, que não respeita a opinião e sentimentos alheios, que apresenta dificuldades em entender o ponto de vista do outro e se autogovernar[...], que não consegue compartilhar, dialogar e conviver de modo cooperativo com seus pares. (REGO, 1996, p. 87)

Levando isso em consideração, se vê necessário uma intervenção disciplinadora, com parâmetros que devem ser seguidos para um melhor desenvolvimento escolar.

Rego (1996) também apresenta as causas que as pessoas costumam atribuir para a presença de indisciplina na escola. Entre elas é possível citar o reflexo da pobreza e da violência vivido e/ou transmitido pelas mídias; a educação recebida pela família, seja de forma extremamente autoritária ou altamente permissiva, além da interferência de uma má estrutura familiar; a personalidade do indivíduo, muitas vezes interpretada pelos professores e demais educadores como um ‘defeito inato’, que não pode ser mudado; a fase em que o aluno se encontra, prendendo-se ao pensamento de que crianças são egocêntricas e adolescentes são rebeldes; e por fim, atribui-se à falta de autoridade do professor, passando a culpa exclusivamente para o profissional que não tem ‘pulso’, que não tem ‘domínio de classe’.

2. METODOLOGIA

Para este trabalho, algumas situações experienciadas pela autora durante o estágio foram selecionadas para reflexão sobre a violência e indisciplina no cotidiano escolar. A partir disso foram realizados estudos teóricos a cerca de violência e indisciplina na educação a fim de tornar estas reflexões qualificadas no meio acadêmico, além de proporcionar para a autora maiores conhecimentos nesta área.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A turma de 2º ano na qual as experiências deste trabalho foram vivenciadas, apresentou um quadro de violência e indisciplina constante no cotidiano escolar. Era constituída por, no início, 24 alunos frequentes, e ao final do estágio, 27 alunos frequentes que tinham entre 7 e 8 anos.

No início do estágio, houveram muitas dificuldades em relação à disciplina com o aluno E. No período de observações ele buscava muito a atenção da estagiária e pedia ajuda, mostrando-se interessado. Porém, com o início do estágio propriamente dito, a atenção que ele queria para si não foi recebida. A partir disso, ele se tornou um aluno 'enfrentador'. Em toda solicitação feita a ele sua resposta era '*eu não vou fazer*' ou '*tu não manda em mim*'.

Este aluno também apresentava muitas dificuldades de aprendizagem, e em um diálogo realizado ele se declarou 'burro'. Ele tem um irmão gêmeo, o aluno N, que frequenta a mesma sala. Para E, ele não tinha capacidade de aprender e o aluno N era o inteligente da família. Foi necessário distanciar seus lugares na sala de aula, pois o aluno E constantemente buscava copiar as respostas do aluno N.

Os enfrentamentos do aluno E para com a docente complicaram-se, a ponto de não ser possível prosseguir a aula com sua presença, o que fez necessário tomar a atitude de mandá-lo para a direção. Depois dessa situação se repetir, foi feito contato com a família dos meninos. Inicialmente, pouco adiantou. Sua mãe mostrava-se uma mulher de poucos limites para com seus filhos. Mas com o tempo, a irmã mais velha deles tomou a dianteira da situação e diariamente perguntava sobre o comportamento dos meninos.

Nas últimas semanas do estágio, o aluno E teve um grande avanço e mudança de atitude. Mostrava-se interessado, disciplinado. Aceitava as propostas feitas na aula. Colaborava com a ordem na sala de aula. Respeitava a autoridade da professora.

Este caso específico mostrou a eficiência da relação escola-família. Como diz Péres (1996, p. 89)

O papel do professor é desafiar e canalizar ou "recanalizar" o conhecimento, considerando neste processo, a bagagem trazida até aqui. Mas, é fundamental que família e escola encontrem um fio condutor. Especialmente, referente às crianças com uma história de fracasso.

Mas infelizmente, o caso do aluno E, é uma situação isolada que não responde por toda a turma.

As atitudes violentas e indisciplinadas de alguns tomavam um tempo precioso da sala de aula. As horas foram mais consumidas com tentativas de acalmar situações isoladas, organizar a sala e buscar silêncio do que com atividades que oportunizassem crescimento cognitivo.

Candau et al (1999, p. 90), realizaram uma pesquisa sobre a violência na escola e, para esta, entrevistaram professores do ensino fundamental. Estes assinalaram que o tipo de violência mais frequente no dia a dia escolar "são as ameaças e agressões verbais entre alunos e alunas, e entre estes e os adultos".

A agressividade dos alunos entre si se tornou algo comum pra a turma 21. Frequentemente havia atitudes de violência verbal, nas quais os alunos se insultavam e/ou ameaçavam. Estes fatos ocorreram desde o primeiro dia do estágio, no qual foi registrado: “Brigas e discussões foram constantes. Inclusive ameaças de socos e, ao final da aula, palavras racistas”. Situações de violência física também não eram incomuns.

O aluno V constantemente falava que alguém lhe irritara e mostrava seus punhos fechados, ameaçando o colega que naquele momento havia lhe incomodado. “Estas estratégias ofensivas podem ser vistas [...] como uma maneira de mostrar aos colegas que podem ser bem sucedidos” (CANDAU et al, 1999 p. 34). Este aluno usava a agressividade como uma maneira de se mostrar superior. Poucos colegas tinham coragem de ‘se meter’ com ele.

Estas atitudes violentas, em determinados momentos se expandiram para a relação professor-aluno. Galland (2010, p. 8) aponta que

A violência e a falta de limites são cada vez mais frequentes na relação entre professor e aluno, e todas essas características contribuem para um ambiente escolar de marginalização, contribuindo também para uma educação de péssima qualidade.

Refletindo sobre isto, recordo as situações que aconteceram com a aluna A. Esta aluna projetou na estagiária uma imagem ‘ruim’ e constantemente explicitava verbalmente o quanto desgostava da minha pessoa. Além expressar seu descontentamento com a docente, recusava as atividades propostas, rasgava ou amassava os materiais, guardava seu caderno e estojo na mochila e saía da sala de aula. Houve uma situação em que a aluna A proferiu um tapa na estagiária: “Não quero mais olhar pra tua cara feia!”.

Ao mesmo tempo em que realizava ações desta maneira, havia dias em que ela se apresentava prestativa, querendo ajudar em tudo: entregar folhas, apagar o quadro, realizar tarefas em geral, menos realizar as atividades propostas em aula.

Guzzoni (1995, p. 32) diz que

É importante salientar que o trabalho do professor em sala de aula está, em relação à aquisição do conhecimento, vinculado a esfera afetiva do aluno, de modo que aspectos como o autoconceito, a aceitação do e pelo professor bem como o ambiente social e físico passam a ser elementos que integram a relação professor/aluno [...]

Na relação com a aluna A, a falta desta esfera afetiva influenciou negativamente na sua aquisição de conhecimentos dentro da sala de aula. Em contraponto, no desenvolvimento do aluno Y, a relação afetiva entre professor e aluno fez diferença no decorrer das aulas.

O aluno Y apresentou durante o estágio um quadro de constante dificuldade em relação ao seu comportamento, demonstrando não ter controle de determinadas emoções. A escola afirma que ele deveria ter um laudo, e é sabido, que ele tem prescrição médica para tomar medicamentos. Em nenhum momento me foi esclarecido para que e por que. Além disso, ele era constantemente rotulado como o aluno problema da turma, tanto pelos professores e autoridades da escola, quanto pelos seus colegas.

Ao longo da realização do estágio, ele demonstrava não conseguir controlar sua ansiedade e raiva, apresentando uma teimosia extrema e repetição de frases ou expressões como, por exemplo, “Tu nunca me escuta!”, mesmo após ele ter a oportunidade de fala, e em alguns momentos, não raros, apresentava atitudes de violência física. Havia dias em que ele estava tranquilo, mas se algo ocorresse que o desestabilizasse (na maioria das vezes, situações simples), tornar a acalmá-lo custava um tempo precioso da aula. Ao longo do tempo, através de diálogo, paciência e carinho, estagiária foi conseguindo realizar estratégias que

amenizassem as situações agressivas e oportunizassem para o aluno Y situações de aprendizado.

4. CONCLUSÕES

Está claro que estes assuntos necessitam de um olhar mais profundo, visto que estes conceitos estão muito presentes na realidade educacional, causando situações complicadas, que interferem na boa qualidade da educação. Apesar disso, na maioria das vezes eles não são discutidos de forma intelectual pelos profissionais da área.

Porém,

Há de se ressaltar, [...] que, apesar de toda esta situação em que se encontram educadores(as) e alunos(as), a escola é ainda o lugar onde se acredita que as coisas podem ser diferentes. Um grande número de professores(as), mesmo diante de todos os problemas que afetam a escola e o magistério, acredita na educação e demonstra preocupação em buscar alternativas pedagógicas para lidar com os problemas cotidianos. (CANDAU et AL, 1999 p. 45 *grifo nosso*)

É na escola que a realidade pode ser transformada. A escola é, para a maioria das crianças, sua primeira experiência da vida em sociedade e o que é vivido neste espaço educacional, pode oportunizar uma mudança nas relações sociais que estes alunos virão a ter. Portanto, a escola deve ser o local da 'esperança', onde a violência e situações adversas precisam ser enxergadas como um desafio superável e não uma barreira com a qual devemos nos conformar e conviver.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio R. Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Julio Groppa (Org) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

CANDAU, V. M., NASCIMENTO, M. G. e LUCINDA, M. C., **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

GALLAND, Fabiana Barrera. **A autoridade do professor e o prestígio da sua profissão**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC em Ciências Biológicas) – UFRGS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/35315>> Acesso em 19/07/2018

GUZZONI, Margarida Abreu, Revisão da literatura sobre os conceitos de autoridade, autoritarismo, disciplina e liberdade. In: GUZZONI, M. A. **A autoridade na relação educativa**. São Paulo: ANNABLUME, 1995. Capítulo 1, p.13 – 45

PÉRES, Lúcia Maria Vaz, **Significando o “não-aprender”**. Pelotas: EDUCAT, 1996.

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Julio Groppa (Org) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.